



A fundamentação de um princípio.

Diálogos sobre a Revolução Francesa e a socialdemocracia europeia.

Danilo Chaves Nakamura¹



O presente texto foi escrito de forma coletiva, ou seja, Juan Berrocal, Emmanuel Nakamura e eu, membros do CEMAP -Interludium, coletivo que está organizando a coleção *Diálogos com Vito Letizia*, pensaram de forma conjunta um texto para apresentar o segundo volume da coleção. Nosso objetivo era explicitar o porquê Vito Letizia precisava necessariamente pensar a Revolução Francesa e a socialdemocracia europeia do tempo de Marx para sugerir um diagnóstico sobre nosso mundo contemporâneo.

Neste segundo volume da coleção *Diálogos com Vito Letizia* o leitor encontra o resultado das discussões sobre a Revolução Francesa e a

¹ Mestre em História pela Universidade de São Paulo e integrante do CEMAP-Interludim.



socialdemocracia europeia. No projeto inicial dos diálogos, os membros do coletivo Cemap/Interludium traçaram um percurso dividido em quatro grandes temas:

1. A Revolução Francesa: a origem das aspirações modernas de liberdade e igualdade;
2. A socialdemocracia europeia: as aspirações modernas de liberdade e igualdade nas mãos da classe trabalhadora;
3. A Revolução Russa: as aspirações de liberdade e igualdade em poder do Partido Bolchevique;
4. O Partido dos Trabalhadores: o esvaziamento das aspirações de liberdade e igualdade.

Como se sabe, em 2014, foi lançado o primeiro volume intitulado *Contradições que movem a história do Brasil e do continente americano*, resultado das entrevistas referentes à quarta parte do projeto. A opção do grupo de “iniciar pelo fim” se justifica pela necessidade de oferecer aos leitores, o mais rápido possível, as interpretações que Vito formulou sobre fatos da história do Brasil e pelo imperativo de realizar uma crítica da experiência da luta contra a ditadura militar e da construção do Partido dos Trabalhadores.

Para facilitar a compreensão desse volume, o leitor encontra uma cronologia dos principais acontecimentos tanto para a Revolução Francesa como para a socialdemocracia. Como anexo, incluímos o texto *Uma história que precisa ser contada*, em que Vito sintetiza aspectos importantes de suas análises e reflexões sobre o processo histórico de formação do continente americano e do Brasil em particular. O trabalho de edição deste volume limitou-se a eliminar as repetições e coloquialismos usuais no debate político. Ainda assim, o leitor notará a presença de oscilações de compreensão, contradições e conflitos de opinião, fruto de um processo de elaboração teórica que se desenvolveu a partir de um diálogo entre o Vito e o grupo de interlocutores em que opiniões entravam em conflito.

Em geral, as discussões seguem cronologicamente os acontecimentos históricos, mas há digressões e saltos no tempo histórico, o que revela que não se trata apenas de uma mera narração contingente de eventos históricos. O leitor pode questionar por que reunir temas aparentemente tão díspares como Revolução Francesa e socialdemocracia num mesmo volume. A conexão entre dois fatos pode, no entanto, ser elucidativa. Em julho de 1789, o povo insurgente de Paris tomava a Bastilha, e exatos cem anos depois, na mesma cidade, num congresso socialista convocado para celebrar o centenário da Queda da Bastilha, Friedrich Engels



propunha a fundação de uma nova internacional, a 2ª Internacional. Ação muito clara e determinada de reconhecimento à luta travada por centenas, milhares, milhões de mulheres e homens em defesa de suas aspirações de liberdade e igualdade. A afirmação de que se reconhecer nessas lutas do passado significava reivindicá-las como próprias, significava reivindicar para a luta socialista as jornadas revolucionárias da Revolução Francesa.

Em contraponto aos dias de hoje, comentava Vito,

(...) a situação é absurda porque, para a esquerda, a Revolução Francesa deixou de ser uma coisa com a qual se deva dialogar. O socialismo é estranho à Revolução Francesa, as ideias socialistas se consolidam depois de Lenin, daí vem o poder da Revolução Russa de 1917”.

Em seguida, ele completava:

(...) a burguesia faz a festa, faz o que quer com a Revolução Francesa e não reivindicamos nada, não dialogamos. Nós, digamos assim, que somos socialistas. Eu, da minha parte, já não me chamo mais de socialista. Mas quem quiser (...). Nesse contexto, eu me recuso. Eu quero o socialismo, mas quero guardar as heranças das lutas da humanidade.

Os teóricos marxistas formados no contexto da Revolução Russa negligenciaram a conexão entre a Revolução Francesa e a formação das reivindicações da classe trabalhadora durante o período de surgimento da socialdemocracia europeia na segunda metade do século 19. Para Vito, até hoje não se reconhece que

(...) Kautsky era o principal representante da corrente marxista da socialdemocracia alemã. Só porque Lenin escreveu um livro que renegava Kautsky, nós temos que desautorizá-lo como líder? Ele tinha as suas tendências conservadoras, mas que eram direitos também (...) Kautsky representava uma corrente marxista, tanto assim que enquanto Marx viveu, teve total confiança nele. Representava a corrente marxista, sim. Inclusive os erros do marxismo. Em seu livro *A Questão Agrária* estão presentes os erros marxistas também. Não só os acertos (...)

De onde vem essa dificuldade em pensar e reconhecer as tradições da luta pela liberdade e pela igualdade oriundas da Revolução Francesa? Algo se passou para que os modernos socialistas abandonassem algo tão caro a Engels e ao agrupamento político por ele e Marx construído? A Revolução Francesa é um ponto de partida não apenas para entender a gênese da propriedade burguesa e do modo de produção capitalista, como também o antagonismo entre a classe trabalhadora e a capitalista e o processo contemporâneo de desagregação social. Se por um lado, negativamente compreendida, ela liberou o desenvolvimento do modo de produção moderno ao pôr fim à sociedade feudal, por outro lado, positivamente



compreendida, ela trouxe, de uma só vez, ao mundo moderno os princípios da liberdade e da igualdade, radicalizado pelo movimento da classe trabalhadora e que depois orientou a construção das instituições de seguridade social nos Estados sociais da Europa do pós-guerra. O fim do desacreditado bloco comunista e a lenta dissolução dos Estados sociais europeus nos mostram o quanto é custoso se distanciar desses princípios.

Neste sentido, a Revolução Francesa forma, dentro dessa série de *Diálogos com Vito Letizia*, o ponto de partida, o critério de interpretação das experiências da classe trabalhadora europeia (seção sobre a socialdemocracia), russa (no volume sobre a Revolução Russa ainda a ser publicado) e brasileira (o primeiro volume da série publicado em 2014). Nosso objetivo e o de Vito é nada mais do que retomar o pensamento revolucionário de Marx e liberá-lo do dogmatismo da tradição marxista. Esperamos, com isso, fornecer um outro fio condutor para interpretar as lutas da classe trabalhadora. Tal fio condutor nada mais é do que o pensamento da liberdade que fez a Revolução Francesa e foi retomado posteriormente por Marx. Ele não deve nos conduzir a um fim inexorável, como se tratasse de um princípio rígido. Pelo contrário, a radicalidade do pensamento da Revolução Francesa é conservada durante todo o percurso dos diálogos e da análise de Vito, de modo que todas as estruturas do marxismo são sacudidas e postas à prova. O agir livre e consciente da classe trabalhadora é o único resultado que esse pensamento revolucionário pode produzir. Ao fim, temos, portanto, a abertura de um horizonte e não propriamente o fim de um percurso.

Esse pensamento orientou o diagnóstico de Vito Letizia sobre o capitalismo contemporâneo e os impasses em que se encontra a classe trabalhadora e, acima de tudo, a sua atuação política.

Seu conhecimento enciclopédico associado a uma profunda simplicidade e elegância de exposição esteve a serviço da luta anticapitalista. Vito foi um interlocutor exigente e sagaz, um leitor contumaz e pesquisador rigoroso, crítico mordaz de verdades estabelecidas e inimigo feroz de qualquer forma de personalismo, profundamente avesso às veleidades acadêmicas. Um militante e pensador ciente de que suas reflexões estavam sujeitas a erros e acertos. Essa era a figura humana de nosso entrevistado, um enorme talento pessoal colocado à disposição da luta pela emancipação da humanidade.